



Fabio Gallo

Economia da exploração

Nosso dia a dia, quando contratamos um seguro, reservamos um hotel, compramos passagens ou fazemos um empréstimo, muitas vezes ficamos inseguros sobre o valor final ou o retorno efetivo do que estamos pagando. É a chamada economia da exploração ou do engano (rip-off economy). Situação criada quando as empresas escondem parte do preço (ou dificultam entender o produto) para o cliente pagar mais do que imaginava ou receber menos do que esperava. Ela inclui serviços financeiros cheios de taxas ocultas, planos de saúde incompreensíveis, consertos superfá-

turados, alugueis ou carros com cláusulas abusivas, etc.

Isso acontece todas as vezes que pagamos o chamado preço "pingado" – aquele valor que sobe no checkout com taxas extras. Como é o caso de hotéis que no site aparece uma diária barata, mas, no final surgem outras taxas. Esse ambiente também é permeado de taxas ocultas que são cobranças vagas por certos serviços ou até mesmo desenhos enganosos do portal com botões e telas feitas para o interessado assinar sem notar ou com muitas dificuldades para conseguir cancelar – se isso for possível.

Os sinais de alerta são fáceis de ser reconhecidos. Frases do

tipo "A partir de..." na chamada, mas o preço total só aparece no final; ou "ofertas sem juros", mas com seguros e/ou serviços embutidos; ou passagens áreas com ta-

A IA está produzindo um 'choque de transparência', que 'mata' a economia da exploração

ria sem bagagem, marcação de assento, embarque prioritário.

Mais complexos são produtos financeiros, como previdência privada – as pessoas não entendem a "vantagem fiscal", mas

há taxa de administração alta, taxa de carregamento na entrada/saída, bônus de permanência, rendavitalícia e regras de resgate/portabilidade pouco claras.

Mas se todos sabem que esse tipo de coisa acontece, por que continuamos comprando dessa forma? O fato é que perdemos muito tempo e dinheiro com essas sistemáticas.

No Reino Unido a estimativa é de que as taxas ocultas e afins custam perto de US\$ 3 bilhões/ano aos consumidores, por isso novas leis inibem essas práticas. Nos Estados Unidos são estimados 53 milhões de horas/ano de tempo economizado em busca do preço real, equiva-

lente a gastos de mais de US\$ 11 bilhões em uma década.

Mas agora contamos com um combatente feroz contra a economia da exploração: a Inteligência Artificial. A IA está produzindo um "choque de transparência" ao possibilitar melhor comparação, desmascarar taxas, interpretar contratos e turbinar a eficácia das reclamações – um combo que reduz o espaço dessas práticas. A ação básica da IA é reduzir a assimetria de informações por parte dos consumidores. Isso traz mais justiça a todo sistema e "mata" a economia da exploração. ●

PROFESSOR DE FINANÇAS DA FGV-SP

SEG. Luiz Carlos Trabuco Cappi e Henrique Meirelles (revezam quinzenalmente) e Antonio Penteado Mendonça • TER. Pedro Fernando Nery e Demi Getscho (quinzenalmente) • QUA. Fábio Alves • QUI. Alvaro Gribel • SEX. Elena Landau • SAB. Fabio Gallo • DOM. José Roberto Mendonça de Barros e Alexandre Schwartzman (revezam quinzenalmente). Roberto Rodrigues (2.º domingo do mês). Albert Fishlow (3.º domingo do mês) e Gustavo Franco (último domingo do mês)

Finanças pessoais Aplicações

Caderneta de poupança segue popular, mas é pouco rentável

Com a Selic a 15%, aplicação fica ainda menos atrativa, segundo analistas, que indicam opções como títulos do Tesouro

CAMILLY ROSABONE
E-INVESTIDOR

O Dia Mundial da Poupança, celebrado ontem, reforça a importância de guardar dinheiro e planejar o futuro. A data comemorativa lançada em 1924, durante o 1.º Congresso Internacional de Economia, busca incentivar o hábito de manter uma reserva financeira, além de ampliar os conhecimentos sobre outros tipos de investimento.

Com 160 anos de história no

País – foi criada por Dom Pedro II –, a poupança continua sendo o investimento mais tradicional e popular entre os brasileiros, conhecida pela simplicidade e o fácil acesso, inclusive para menores de idade.

Porém, cada vez mais as pessoas estão saindo da caderneta. Somente no mês de setembro, os brasileiros retiraram mais de R\$ 15 bilhões da poupança, segundo dados divulgados pelo Banco Central (BC). Isso se deve, principalmente, por sua baixa rentabilidade.

Ainda assim, num país com índices de inadimplência recordes e baixo nível de educação financeira – 55% dos brasileiros afirmam saber pouco (40%) ou nada (15%) sobre o tema, segundo a Federação Brasileira de Bancos (Febrab-

an) –, o Dia Mundial da Poupança serve como um lembrete da importância de começar pelo básico: guardar dinheiro.

VALE A PENA? Embora a poupança continue sendo a opção mais conhecida do brasileiro, os títulos públicos do governo se destacam por oferecer maior rentabilidade, segurança e flexibilidade a quem quer começar a investir.

Isso porque, quando a Selic (taxa básica de juros) está acima de 8,5% ao ano, a poupança segue rendendo 0,5% ao mês mais a Taxa Referencial (TR). Ou seja, mesmo com a Selic hoje a 15% ao ano, o rendimento da poupança permanece praticamente estático, em torno de 0,5% a 0,6% ao mês, sem capturar os ganhos da alta dos juros.

Em um exemplo prático, usan-

do a Calculadora do Cidadão, do BC, uma aplicação de R\$ 1.000,00 na poupança renderia R\$ 73,31 no período de 12 meses, até a última quinta-feira. Já o mesmo valor aplicado na Selic renderia R\$ 136,71. "Poupança não vale a pena nunca. Ela rende uma variação da taxa Selic (quando a Selic é maior, a poupança rende mais, e vice-versa), mas ela vai sempre render menos do que um Tesouro Selic", diz Marília Fontes, co-fundadora da Nord Investimentos.

História Modalidade foi criada há 160 anos, ainda nos tempos de Dom Pedro II

Ela lembra ainda que a poupança é garantida pelo Fundo Garantidor de Créditos (FGC), que assegura ao investidor o recebimento de uma quantia de até R\$ 250 mil, em situações de calote ou quebra do banco. Já o Tesouro Selic tem o governo como garantidor.

Fabrizio Tonegutti, especialista em direito tributário pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), aponta três situações em que a poupança ainda pode fazer sentido: para valores muito baixos (abaixo de R\$ 100), para quem precisa de liquidez imediata e, principalmente, para quem está começando a criar o hábito de poupar. "Nesse caso, o valor é educativo – vale mais desenvolver disciplina de guardar dinheiro todos os meses do que buscar 2% ou 3% a mais de rentabilidade", diz.

Para Tonegutti, a migração deve acontecer assim que o investidor acumular mais de R\$ 1.000 e puder optar pela liquidez de D+1 (dinheiro disponível no dia seguinte) em vez de imediata. "Ou quando você entender que está literalmente deixando dinheiro na mesa ao manter valores maiores na poupança."

Entre as opções alternativas à poupança, ele cita os CDBs de bancos sólidos com liquidez diária, Letras de Crédito Imobiliário (LCIs) e Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs), além do Tesouro Direto. ●

BROADCAST DE OLHO NAS AÇÕES

Analistas veem Ibovespa a 150 mil pontos no fim de 2025

O Ibovespa registrou nesta semana recordes consecutivos, ultrapassando a marca de 149 mil pontos em alguns momentos e avançando em direção às expectativas de algumas instituições de que o índice supere 150 mil pontos ao final do ano.

O JPMorgan projeta um índice de 155 mil pontos, enquanto o Daycoval espera um intervalo entre 155 mil e 160 mil pontos. Já o Monte Bravo considera possível alcançar 150 mil pontos, e a

Santander Corretora estima que chegue a 160 mil pontos.

A previsão, entretanto, depende da continuidade do ciclo de cortes de juros nos Estados Unidos, que pode ajudar o Banco Central brasileiro a iniciar uma nova rodada de reduções na Selic. A temporada de balanços do terceiro trimestre também

pode favorecer esse impulso da Bolsa. Além disso, os papéis permanecem desvalorizados, o que dá margem para aumentos, e o fluxo de capital estrangeiro, que esteve presente no rali do índice nesta semana, precisa se manter.

Apesar dos vários gatilhos positivos, o caminho não será livre de volatilidade. A oscilação do câmbio, incertezas geopolíticas, risco fiscal doméstico e disputas tarifárias podem abalar o ânimo dos investidores, alertam analistas.

.....

Ibovespa

149.540,43 foi o recorde do índice esta semana em pontos

BROADCAST TERMÔMETRO DA BOLSA

Aposta majoritária para o Ibovespa é de alta

O mercado financeiro está otimista em relação à trajetória do Ibovespa no curtíssimo prazo, mesmo após a sequência de recordes cravados pelo índice nos últimos dias. É o que mostra o Termômetro Broadcast Bolsa, que busca captar o sentimento de operadores, analistas e gestores para o comportamento das ações na semana seguinte.

Entre os participantes, a expectativa de ganho voltou a ser majoritária, com 54,55% das respostas, contra apenas

9,09% que esperam queda. Para 36,36%, o índice ficará estável. Na edição anterior, a maioria (44,44%) previa perdas para esta semana, enquanto 33,33% e 22,22% contavam com alta e estabilidade, respectivamente.

O destaque da agenda na próxima semana é a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) na quarta-feira (5). É unânime no mercado a expectativa de manutenção da taxa Selic em 15,00%.

Na temporada de balanços do terceiro trimestre, a Petrobras divulga seus resultados na quinta-feira (6).